



Gramado – RS

De 30 de setembro a 2 de outubro de 2014

DESIGN E ANTROPOLOGIA: considerações teóricas e experimentações práticas em diálogo com a perspectiva do antropólogo Tim Ingold

Zoy Anastassakis

Designer, Doutora em Antropologia

Professora Adjunta, Escola Superior de Desenho Industrial, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Resumo: O artigo explora algumas possibilidades de leitura da antropologia de Tim Ingold à luz de sua aplicação ao ensino do design. Partindo-se da análise de alguns de seus escritos mais recentes, se apresenta algumas tentativas de leitura e apropriação das proposições do antropólogo britânico no âmbito do ensino de design. Para isso, se constitui de duas perspectivas conjugadas: primeiramente, a partir de um ponto-de-vista teórico, se busca sumarizar alguns tópicos fundamentais da antropologia desse professor da Universidade de Aberdeen, Escócia, discutindo as possibilidades de aproximação de sua perspectiva a questões de design. Em seguida, se apresenta alguns experimentos realizados a partir do diálogo com esse autor, de forma conjugada entre ensino, pesquisa e extensão universitárias. Nesse sentido, propõe uma perspectiva renovada para o diálogo interdisciplinar entre design e antropologia. Assim, busca colaborar para o adensamento teórico da interface entre design e antropologia, ao mesmo tempo em que propõe discutir como um determinado conjunto teórico pode ser aplicado à prática do ensino de design, entendido aqui como parte do exercício de formação nessa profissão. Do mesmo modo, o artigo apresenta uma discussão sobre os modos contemporâneos de constituição do ensino de design, à luz do diálogo interdisciplinar com as ciências sociais, notadamente a antropologia.

Palavras-chave: interdisciplinaridade, design, antropologia, Tim Ingold.

Abstract: The article explores some possible readings of Tim Ingold's anthropology, in light of its application to the design teaching. Starting from the analysis of some of his most recent writings, it presents some attempts at readings and appropriations of his propositions in design education, research and practice. For this, it combines two perspectives: first, from a theoretical point of view, it tries to summarize some of the key topics of Ingold's anthropology, discussing the possibilities of bringing their perspective to design issues. Then it presents some experiments

formulated from a conceptual dialogue with this author's propositions, combining teaching, research and university extension. In this sense, it proposes a renewed interdisciplinary dialogue between design and anthropology. Thus it seeks to contribute to a theoretical depth of the interface between design and anthropology, while proposing discuss how a particular theoretical set can be applied to the practice of design education, understood here as part of the training exercise in the profession. Similarly, the article presents a discussion on contemporary modes of design education in the light of interdisciplinary dialogue with the social sciences, especially anthropology.

Keywords: interdisciplinarity, design, anthropology, Tim Ingold.

1. INTRODUÇÃO

Transitando entre o design e a antropologia, nesta comunicação busco explorar algumas possibilidades de leitura e aplicação da antropologia de Tim Ingold ao ensino de design. Tal exercício tem ensejo em meio a uma discussão mais ampla sobre o caráter interdisciplinar da atividade de projeto em design e, de modo mais específico, em torno de um investimento de pesquisa sobre as possibilidades de conjugação entre os modos de produção de conhecimento próprios ao design e à antropologia.

Propondo discutir essas questões no ambiente de ensino de design, tais exercícios tem por objetivo experimentar, na prática, as possibilidades de combinação de uma perspectiva antropológica a uma perspectiva projetual, conformando, assim, novos limites para o exercício da interdisciplinaridade, a partir das duas disciplinas.

Aqui, tal proposta se efetiva a partir de duas dimensões, justapostas ao longo do texto: primeiramente, se discute alguns tópicos centrais da produção mais recente de Tim Ingold, antropólogo e professor do departamento de antropologia da Universidade de Aberdeen, na Escócia; em seguida, se descreve algumas experiências conduzidas por mim no âmbito do ensino de design, a partir do Rio de Janeiro, nos últimos anos.

Deve-se salientar que tal investigação sobre as possibilidades de diálogo entre a antropologia de Tim Ingold e a atividade de design se desdobrou tanto no ensino quanto em projetos de pesquisa e extensão universitárias, que, por sua vez, informaram, em 2013, a criação de um laboratório de pesquisa em Design e Antropologia (LaDA/Esdi/UERJ). Tais processos, que aconteceram concomitantemente, tiveram como base, no que se refere ao ensino, o Departamento de Artes e Design da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (DAD/PUC-Rio), e a Escola Superior de Desenho Industrial, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ESDI/UERJ), e no que concerne às experiências de pesquisa e extensão, a ESDI. Neste artigo, trataremos tão somente das experiências conduzidas na Esdi, onde se pretende dar continuidade ao trabalho, nos próximos anos.

No âmbito do ensino, o trabalho se desdobrou entre graduação e pós-graduação. Na graduação, foi conduzido a partir das disciplinas de "Meios e Métodos de Representação do Projeto" (2012 e 2013) e "Desenvolvimento de Projeto de Programação Visual II" (Ênfase em Estratégia e Gestão) (2014) e também no contexto de orientação de projetos finais da graduação (a partir de 2012). Na pós-graduação,

teve lugar entre as disciplinas “Diálogos Interdisciplinares entre Design e Antropologia” (2013-1) e “Design e cidade: projetos, processos e possíveis” (2013-2) e nas co-orientações das pesquisas de mestrado de Elisa Nóbrega Kuschnir e Maria Lorena Otero (PROURB/UFRJ).

No âmbito da extensão universitária, gravita em torno do projeto “Observatório Etnográfico de Design e Inovação Social no Rio de Janeiro”, iniciado em 2012. No ambiente de pesquisa, se realiza através do projeto “Laboratório de Design e Antropologia: desenho, cartografia, etnografia e projeto da (na) cidade”, financiado pela FAPERJ, em parceria com o Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, através da colaboração com as professoras-pesquisadoras Karina Kuschnir (IFCS/UFRJ) e Barbara Peccei Szaniecki (Esdi/UERJ).

Todas essas experiências, excetuando-se apenas as orientações de projeto final de graduação e de pesquisa de mestrado, foram delineadas através de experimentos de conjugação entre pesquisa etnográfica e exercícios imaginativos e prospectivos organizados em torno da região central da cidade do Rio de Janeiro, e, mais precisamente, na área compreendida entre Largo da Lapa, Passeio Público, Cinelândia e Largo da Carioca.

Por ora, então, opto por apresentar, de forma sumarizada, as experiências que tem a região central da cidade do Rio de Janeiro por tema e terreno de trabalho, centrando a atenção nos exercícios primeiramente realizados no âmbito da disciplina “Meios e Métodos de Representação do projeto”, ainda em 2012. Afinal, foi nesse contexto que se iniciou, junto aos alunos, a experimentação das questões aqui apresentadas.

A partir do recorte territorial, buscou-se experimentar, a partir da prática, uma abordagem interdisciplinar entre o design e a antropologia, inspirada pelas formulações de Tim Ingold sobre as relações entre lugares, movimento e conhecimento, observação, engajamento e participação, descrição e imaginação, tal como expressas nos livros *“Making: anthropology, archeology, art and architecture”* (2013), *“Being Alive: essays on movement, knowledge and description”* (2011) e *“The Perception of the Environment: essays on livelihood, dwelling and skill”* (2000), e também em seu mais recente projeto de pesquisa, *“Knowing from the inside: Anthropology, Art, Architecture and Design”* (2013).

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 Antropologia como um modo inquisitivo de estar no mundo

Mas no que consistem as proposições mais recentes do antropólogo Tim Ingold? E de que modo elas podem inspirar o ensino da prática de projeto em design? Nos trabalhos acima citados, esse antropólogo propõe uma antropologia entendida como modo inquisitivo de estar no mundo, em que o compromisso com a observação e a descrição esteja conjugado a um engajamento propositivo no sentido de uma transformação desse mesmo mundo, algo mais aproximado da liberdade criativa que é convencionalmente delegada às disciplinas como design, arte e arquitetura.

Assim, na busca de reintroduzir a antropologia de volta às questões concretas da vida, Ingold sugere que desloquemos seu centro de gravidade no sentido de uma aproximação com outros campos do saber, tais como os supra-citados. É a partir desse

lugar que ele anuncia a possibilidade de surgimento de uma nova disciplina, esperando para ser definida e nomeada (Ingold, 2011 e 2013).

Contudo, é importante notar que não se trata aqui, como pondera Wendy Gunn (2009), de uma abordagem que toma por objeto de análise antropológica seja o design, ou a arte e a arquitetura, mas, sim, de um esforço para revelar a sinergia entre a antropologia e essas disciplinas, que reside, segundo ambos, não apenas nos produtos que delas resultam, mas sobretudo nos modos de produção do conhecimento, no contexto de um diálogo interdisciplinar em andamento.

Essa sinergia é decomposta por Ingold em três fatores comuns: para ele, tanto design, quanto arte, arquitetura e antropologia observam, descrevem e propõem, ou seja, ambas são formas aprimoradas de engajamento exploratório com o nosso meio. Assim, a compreensão matizada dos diferentes modos com que a vida é experimentada, mais facilmente associável à uma abordagem antropológica, é também o que ancora as proposições criativas do design, da arte e da arquitetura.

Por outro lado, reciprocamente, não há razão para que a antropologia se restrinja a somente observar e descrever as condições e possibilidades da vida no mundo, furtando-se a um comprometimento mais engajado com a sua transformação, perspectiva mais tradicionalmente associada ao design, à arquitetura e à arte, e demais áreas do saber ligadas de forma mais direta à criatividade.

Desse modo, design, arte e arquitetura, assim como antropologia, são tomadas como formas de engajamento observacional (Ingold, 2013) exploratório e especializado que moldam nossos ambientes e os modos como eles são percebidos (Gunn, 2009: 01). Trata-se, então, de uma proposta que enfatiza a prática da interdisciplinaridade, ou seja, um modo distinto de fazer antropologia junto a outras disciplinas, mais do que uma antropologia delas ou sobre elas (idem), buscando encontrar lugares compartilhados de compreensão através da prática interdisciplinar (idem: 03), lugares esses que transcendam os limites dos modos específicos de trabalho e produção de conhecimento disciplinarmente organizados.

Nesse sentido, Ingold sugere se tratar também, e ao mesmo tempo, de uma proposição anti-disciplinar, uma vez que *"in that it overturns the canonical understanding of the academic discipline as a bounded knowledge domain which maps externally into a delimited class of phenomena in the world"* (2013: 01). A proposta de restituição da antropologia à vida, que mais recentemente se desdobra para a formulação de um possível novo campo do conhecimento, ancorada na ideia de um engajamento comprometido com as transformações do mundo e das formas de vida, e estruturada a partir do exercício prático da interdisciplinaridade, implica também em propostas educacionais (Velho, 2012: 229).

Assim, a teoria do conhecimento que se funda sobre o engajamento (Carvalho e Steil, 2012: 08), formulada por Ingold, se desenrola, forçosamente, em uma proposta para a educação da atenção (Ingold, 2013: 04) que se pretende realizar a partir da conjugação entre ensino e pesquisa. Propõe-se aqui então um desafio aos limites convencionais entre esses dois domínios da *produção e da transformação do conhecimento, que busca, sobretudo, to show "how new knowledge is always the outcome of a process of guided rediscovery, or of learning to learn"* (2013: 07).

Segundo tal perspectiva, devemos romper com a distinção entre pesquisa e ensino, que termina por isolar os estudantes de nossas práticas investigativas, retirando deles a possibilidade de um envolvimento compartilhado em pesquisa, seja

conosco, professores, ou com outros colegas. Desse modo, transformamos a sala de aula em um espaço de discussão sobre, e não em um lugar de trabalho, de fato.

Para Ingold, entretanto, deveríamos passar mais tempo desenvolvendo atividades concretas com os alunos, do que discutindo sobre as coisas. Sua proposta, que caminha em direção oposta, propõe que a sala de aula se transforme em espaço para desenvolvimento de pesquisa, onde se exercite a observação participante, entendida aqui como *“a way of knowing and theorising, from the inside”* (Ingold, 2013: 04).

Assim, educação e ensino tornam-se ambos meios através dos quais se busca desenvolver *“skills of engagement”* (Gunn, 2012: 01), rompendo barreiras entre teoria e prática (2012: 07). *“Learning as you go along”* (idem: 06), *“trying to understand the action while doing it”* (idem: 11), *“finding ways of describing emergent processes and non-fixed categories”* (idem: 07), *“dealing with emergent situations engaging with peoples and places where a problem is not allways given”* (idem: 01), são alguns dos modos através dos quais se coloca a possibilidade de atuação em meio ao campo emergente que Ingold nomeia de *“anthropology by means of design”* (2013).

2.2 Uma antropologia por meio do design

Investir em uma proposta como esta dentro de uma escola de design não significa que se esteja pretendendo, ali, formar antropólogos, nem tampouco instrumentar estudantes de design com ‘métodos’ e ‘ferramentas’ retirados da antropologia, que possam ser aplicados às suas práticas de design. Implica, outrossim, em uma aposta na possibilidade de conformação de uma nova forma de fazer design e antropologia, o que se pretende experimentar através da conjugação de seus modos de produção de conhecimento em torno de um compromisso dialógico com as questões que nos cercam a todos, habitantes de um mesmo mundo.

Destarte, deve ficar claro que o que está em jogo aqui não é nem uma antropologia do design, nem um design antropológico, mas, sim, o exercício de uma experimentação interdisciplinar que busca operar a partir de uma conjugação dialógica entre as duas disciplinas.

Ou, nos termos de Tim Ingold, um processo experimental e improvisatório que tem por objetivo forjar uma abordagem sintética do *“knowing from the inside”*. Nesse sentido, o britânico propõe que se experimente uma *“anthropology by means of design”* (2013: 03), onde *“design is the process of research rather than its object. Driven, like the lives it follows, by a ‘method of hope’, anthropology-by-means-of-design joins with people in their desires and aspirations rather than going back over what has passed”* (idem). O que, nos termos de Gunn, se coloca como uma investigação experimental e improvisatória *“towards ways of designing situated in social contexts of action”* (2012: 11).

Aprendendo com as duas disciplinas, designers e antropólogos podem experimentar outros modos de se engajar em situações emergentes, buscando *“finding ways of engaging peoples with collaborative designing and participatory innovation activities who otherwise would be excluded from processes and practices of design and innovation”* (idem: 04). É em meio a essas formulações que ganha sentido uma proposta de entender a prática de design conjugada ao exercício antropológico como *“juxtaposing difference and drawing things together”* (idem).

Foi exatamente o desejo de experimentar, na prática de ensino de design, em sala de aula, as possibilidades de conjugação entre design e antropologia que norteou o desenvolvimento de uma série de propostas que serão sumariamente apresentadas a seguir. Nesse sentido, este trabalho busca dialogar com aqueles que vem pesquisando, de forma substantiva e não abstrata, as possibilidades de desenvolvimento de uma agenda de pesquisa para o campo emergente da *'design anthropology'*, entendido aqui nos termos de Gunn e Ingold, ou sejam como uma *"anthropology-by-means-of-design"*.

2.3 Em algum lugar do Rio de Janeiro, na região central da cidade

Se alguém procura localizar a Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI/UERJ) através da ferramenta de busca do *Google Maps* não encontra resposta. Mas se o endereço da escola for digitado, a ferramenta conduz aquele que busca à zona central da cidade do Rio de Janeiro. O primeiro recorte na imagem, selecionado pelo *Google*, se estende, mais ou menos, e a depender da tela do computador onde esteja sendo feita a busca, da Praça da Cruz Vermelha, à esquerda, do bairro de Fátima à Praça Paris, na margem inferior, passando pela enseada da Glória no canto inferior direito, pelo Museu de Arte Moderna, no final do Aterro do Flamengo, na margem direita, e, por fim, pelos Largos da Misericórdia e da Carioca e pela Praça da República, na margem superior. No momento em que surge a imagem, já está sinalizado, no centro da tela, um ponto vermelho que marca a Rua Evaristo da Veiga, à altura do Largo da Lapa, onde ela encontra a Avenida República do Paraguai.

Fazendo essa mesma busca com os alunos da disciplina "Meios e métodos de representação do projeto" em sala de aula, optamos pela visualização via satélite. Observando a imagem, percebemos que a quadra contígua à escola, compreendida entre as Rua Evaristo da Veiga, Senador Dantas, do Passeio e das Marrecas ainda aparecia repleta de edifícios, o que indica que a foto foi tirada já há algum tempo, pois tal quadra se encontra, hoje, em um estado completamente diferente, na medida em que todo o seu miolo e partes de suas faces para as Ruas Evaristo da Veiga e das Marrecas foram demolidas, dando lugar a um grande canteiro de obras.

Quem percorre o Rio de Janeiro, seja a pé, de carro, bicicleta, ou em algum tipo de transporte público, como ônibus, vans, trens e metrô, passa não apenas por esse canteiro de obras, mas por inúmeros outros, em todas as regiões da cidade, zonas norte, oeste, sul e também no centro. Grande parte dessas obras está diretamente ligada com a preparação de dois importantes eventos esportivos, que tem a cidade como sede: a Copa do Mundo de Futebol, em 2014, e os Jogos Olímpicos, em 2016.

Se a iminência desses eventos criou para a cidade uma agenda complexa de obras de infra-estrutura, exigidas pela FIFA e pelo Comitê Olímpico com a justificativa de se criar condições para a realização das competições e de tudo o que as envolve, provocou também a aceleração de um processo de 'transformação' do ambiente urbano, seja em escala regional e a partir de iniciativas públicas, como nos casos da ampliação do metrô, da 'pacificação' das favelas e do projeto de 'revitalização' da região portuária; seja em escala local e através de iniciativas públicas e/ou privadas, passando pela demolição de edifícios antigos para a construção de novos, se expandindo, ainda, até uma hipervalorização dos imóveis, o que, por consequência, vem gerando um violento processo de especulação imobiliária.

Sendo 2012 ano de eleições municipais, todo esse processo de ‘transformação’ da cidade se tornou um dos temas centrais do debate público. Afinal, o que parecia estar em jogo, naquele momento, era não somente a preparação dos eventos esportivos, mas, sobretudo, uma série de reconfigurações do ambiente urbano carioca postas em movimento a partir do que a preparação dos eventos parecia exigir. Esse processo vinha sendo agenciado por diversas sortes de atores, em distintas instâncias e sob as mais variadas justificativas.

Além de ocupar as manchetes dos jornais, e de inflamar os debates entre candidatos à prefeitura, era também assunto de todos os dias, em quase todos os lugares. Nesse sentido, tomamos o contexto acima apresentado como uma situação emergente (Gunn, 2012: 12), que apresentava a possibilidade de nos envolvermos com pessoas e lugares onde os problemas não estão dados, necessariamente formulados (2012: 11). A partir desse quadro, organizei as atividades para a disciplina, e registrei, junto à universidade, um projeto de extensão que tinha por objetivo criar pontes de diálogo entre o ambiente de ensino e a sociedade.

2.4 Um observatório entre o design e a antropologia

O Observatório Etnográfico de Design e Inovação Social no Rio de Janeiro surge naquele contexto, a partir de uma percepção sobre o momento da cidade, que demandava, também na universidade, um lugar onde a discussão pudesse se desdobrar em observações atentas que derivassem, por sua vez, em novos debates e propostas alternativas que forjassem, então, renovadas instâncias de diálogo, entre a cidade e a universidade.

Em um curso de design, tais questões ganhavam ainda outras dimensões, na medida em que havia, naquele momento, por parte da gestão Eduardo Paes, prefeito reeleito no processo eleitoral de 2012, um crescente interesse pela interlocução com a comunidade de design local, necessariamente envolvida em diversos dos projetos sendo desenvolvidos na cidade, em torno da agenda acima descrita.

Inserido em um percurso profissional e acadêmico que encontra lugar entre o design e a antropologia - traçado por mim entre graduação em design na própria ESDI, e mestrado e doutorado o Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional (Universidade Federal do Rio de Janeiro) e o mercado de trabalho entre as duas áreas - o Observatório buscava conjugar, então, uma série de interesses de pesquisa, que, através de um projeto de extensão, poderiam, enfim, se desdobrar tanto para o ensino quanto para um diálogo efetivo com as questões postas pela vida social, para além das barreiras disciplinares, tal como as distingue a academia.

O trabalho teve início com uma indagação a respeito do próprio lugar onde nós nos reuníamos, como frequentadores de um mesmo ambiente de formação para atuação profissional em design, a saber, a ESDI, situada na Lapa, região central da cidade do Rio de Janeiro. A partir daí, realizamos uma série de exercícios entre a observação e a descrição do que se percebia em campo e a discussão e a imaginação de outros modos de ser para esse lugar e a região na qual ele se insere. Esses exercícios envolveram trabalho de campo, análise estratégica e prospecção de cenários futuros, produção de textos, diagramas e peças gráficas, um workshop com participantes externos, e duas exposições, montadas, a primeira, em uma feira de extensão na UERJ, e a segunda, após o workshop, nos muros da própria ESDI, em sua face para a Rua Evaristo da Veiga.

Lugar e região entendidos aqui nos termos de Ingold (2000 e 2011), ou seja, o lugar não como algo que tenha uma localização e exista no espaço, mas, sim, como um nódulo em uma matriz de movimentos. Movimentos através dos quais as pessoas percorrem os lugares, indo de um a outro, conformando percursos por onde sua vida é vivida. Assim, segundo tal concepção, os lugares são delineados em movimento, tomando a forma de uma malha de linhas entrelaçadas, onde cada fio é um modo de vida e cada nó, um lugar. Os fios sendo os percursos traçados por cada um dos habitantes do lugar, que estão sempre se movimentando de um lugar a outro, enquanto vivem suas vidas. Nesse sentido, os lugares são mais do que tudo constituídos pelas histórias que se compõem através dos percursos de seus habitantes em torno de uma região, entendida como rede de movimentos entre lugares. Ao longo dessas histórias de movimento, cada lugar é um laço, e cada região uma malha entrelaçada.

Levando em consideração tais formulações, o que significaria então, para nós, acostumados a freqüentar esses lugares em torno da escola em nossas atividades cotidianas, passar a percorrê-los em trabalho de campo? Quando se iniciaria e quando se terminaria, então, o trabalho? Quando se estaria em campo ou fora dele, dentro ou fora da escola? Era exatamente um tal estado de confusão que eu buscava cultivar entre os alunos e em mim mesma, acreditando que assim estaríamos exercitando novas formas de atenção para os lugares onde vivemos nossas vidas, em meio a nossas atividades habituais. Nos engajar na busca de novas formas de percepção dos lugares onde vivemos, a fim de fazer deles, e sobretudo de nossos percursos ao longo deles e entre eles, não apenas os espaços por onde passamos, indo de um lugar a outro, mas, sim, um campo de relações, a partir de onde podemos extrair questões que alimentem o que entendemos ser o nosso 'trabalho'.

Para dar início a esse trabalho, pedi que os alunos representassem graficamente, e de memória, o ambiente da escola e seus entornos. O suporte para essa representação deveria ser um espaço da própria escola, não previamente designado para tal fim. Observando juntos os desenhos, percebemos o que cada um de nós lembrava, que memórias eram suscitadas, que histórias afloravam. Nessa ocasião, além dos desenhos, observamos juntos um conjunto de imagens que representavam a ESDI em uma série de situações distintas, exercício que tinha por fim provocar nos alunos uma sensibilidade para o que constituía aquele ambiente como um lugar investido de diversos sentidos, histórias, memórias, nem todos necessariamente partilhados por nós ou perceptíveis para alguém que ali entrasse pela primeira vez.

Em seguida, propus que tentássemos sobrepor os desenhos àquela visão de satélite disponibilizada pelo *Google Maps*, buscando encontrar pelo menos algum ponto de conexão entre as duas camadas sobrepostas em transparência. Observando, então, o recorte proposto pela ferramenta de busca, percebemos que aquela seção, acima descrita, dava conta de uma região suficientemente grande para apresentar variadas possibilidades para o trabalho de campo, sendo, ao mesmo tempo, de uma extensão que é facilmente percorrível a pé, o que viabilizaria nossas idas e retornos ao campo, a partir da escola.

Nesse momento, desenvolvíamos as mesmas atividades entre os alunos, em sala de aula, e com a equipe de projeto, em nossos encontros semanais. A partir do exercício com os desenhos e o mapa do *Google*, decidimos dar início a um trabalho de

campo que se realizaria na forma de um mapeamento (Ingold, 2000: 219-242), o que não significava, naquele momento, que estivéssemos empenhados em ir a campo buscando coletar dados para a realização de algum mapa, em um momento futuro. Mapear a região do entorno da escola consistiria, tão somente, em realizar percursos (idem) que nos fariam passar de um lugar (idem: 219 e 2011: 145-155) a outro, atividade ambientalmente situada que, nos colocando em movimento, tinha por objetivo provocar o desvelamento de um campo de relações e histórias que é, segundo Ingold, o que constitui propriamente um lugar.

Partimos para o mapeamento nos dividindo em grupos, cada um deles escolhendo um lugar a partir de onde daria início a uma série de percursos de observação. A cada encontro em sala de aula, compartilhávamos o que havia sido observado em campo e comentávamos os desenhos, as anotações, fotografias e narrativas produzidas. Enquanto íamos e vínhamos do campo, demos início a um processo de análise inspirado em procedimentos oriundos do design estratégico, sobretudo em sua matriz italiana (Politécnico de Milão), alguns deles atualizados por pesquisadores brasileiros da Escola de Design da Unisinos, no Rio Grande do Sul, como Paulo Reyes (2010). Buscávamos então extrair questões-chave que alimentassem um processo de desenvolvimento de visões de cenários alternativos (Hunt 2011), bem como de projeções sobre conseqüências futuras (Disalvo 2009) em relação à vida nos lugares onde se realizava nosso campo.

Esses eram, sobretudo, exercícios de imaginação que buscavam projetar outras visões sobre esses lugares, e a partir das questões aí percebidas, configurar dispositivos de comunicação que forjassem novas discussões, em campo. Nesse ponto, experimentamos vários meios e métodos de representação visual, optando por aqueles que facilitassem a comunicação de nossas visões imaginadas, visões essas que desejávamos levar a campo para que os transeuntes e demais habitantes da região pudessem nelas interferir, criando, assim, mais discussão e levantando, novamente, outras questões.

Trabalhar em campo, trazendo dele e a ele devolvendo renovadas questões, foi, então, o modo através do qual ensaiamos dar início à experimentação de conjugação entre ensino, pesquisa e extensão, no âmbito de uma proposição interdisciplinar entre o design e a antropologia, que tomava como lugar de trabalho a região em torno da qual nós nos formamos enquanto um grupo envolvido no exercício da formação para atuação profissional em design.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do primeiro período de trabalho, realizado em 2012 e 2013, fomos e retornamos a campo inúmeras vezes, trazendo observações e a ele retornando com provocações (Lenskjold 2011) que dessem margem a diálogos com os habitantes e os transeuntes, nos diversos lugares por onde passamos. Nesse processo, testamos diversas estratégias para fomentar um ambiente de provocação ao diálogo em campo, que fosse facilitado por peças gráficas desenvolvidas por nós. Entretanto, percebemos que, mais do que criar intervenções gráficas que instigassem os passantes sobre as questões que gostaríamos de debater, era preciso estar na rua, junto ao material que eventualmente daria suporte para que nos envolvêssemos em processos de comunicação.

Assim, entendemos que os prováveis desdobramentos futuros do projeto envolvem pesquisa e experimentação sobre novas formas de estar em campo, onde os processos de observação, movimentação, descrição e imaginação estejam conjugados a serviço da criação de ambientes de engajamento dialógico entre nós e todos os demais habitantes com quem partilhamos os lugares, tais como esses, na região central do Rio de Janeiro.

É através dessas instâncias dialógicas de que pretendemos, enfim, tomar parte em processos de inovação e imaginação (Ingold, 2000) social que conformem outras perspectivas a partir das quais seja possível perceber e imaginar a cidade e as formas de vida nela possíveis. Complementarmente, encontramos também em Clarke (2011), Disalvo (2009), Gunn and Donovan (2012) e Lenskjold (2011), e nas referências por eles fornecidas, fontes que indicam possíveis caminhos, através dos quais podemos continuar experimentando diferentes tipos de engajamento crítico, através da conjugação entre design e antropologia.

Com esse objetivo, em parceria com a antropóloga Karina Kuschnir, professora e pesquisadora do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e a designer Barbara Peccei Szaniecki, professora e pesquisadora na Esdi/UERJ, criamos o Laboratório de Design e Antropologia, que, contando com financiamento da FAPERJ a partir de 2013, vem concentrando nossos esforços de ensino, pesquisa e extensão no sentido da experimentação em torno de uma abordagem sintética entre antropologia e design, tal como aquela proposta por Ingold, aqui comentada.

Esperamos, assim, contribuir para o desenvolvimento de novos parâmetros a partir dos quais se constituam estratégias de ensino de design ancoradas em profundo diálogo e compreensão engajada com os modos de vida através dos quais as pessoas colocam em prática diferentes modos de produção de conhecimento. Com isso, buscamos experimentar e compartilhar modos alternativos de reconectar o ensino de design com as questões emergentes do mundo em que vivemos.

REFERÊNCIAS

- CARVALHO, Isabel Maria Cristina de Moura, STEIL, Carlos Alberto (orgs.). **Cultura, percepção e ambiente: diálogo com Tim Ingold**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2012.
- CLARKE, Alison. (Ed.). **Design Anthropology. Object culture in the 21st Century**. Wien: Springer-Verlag, 2011.
- DI SALVO, Carlo. Design and the Construction of Publics. In: **Design Issues**: v. 25:1. Inverno 2009.
- GUNN, Wendy (Ed.). **Fieldnotes and sketchbooks: challenging the boundaries between descriptions and processes of describing**. Frankfurt am Main: Peter Lang GmbH, 2009.
- GUNN, Wendy, DONOVAN, Jared. (Eds.). **Design and anthropology**. Surrey and Burlington: Ashgate, 2012.
- HUNT, Jamer. 'Prototyping the social: temporality and speculative futures at the intersection of design and culture', in Clarke, Alison. (Ed.). **Design Anthropology**.

Object culture in the 21st Century. Viena: Springer-Verlag, 2011, pp. 33-44.

INGOLD, Tim. **Knowing From the Inside: Anthropology, Art, Architecture and Design.** Research Project funded by the European Research Council and developed at Aberdeen University, Scotland, 2013.

INGOLD, Tim. **Making: anthropology, archeology, art and architecture.** London and New York: Routledge, 2013.

INGOLD, Tim. **Being Alive: essays on movement, knowledge and description.** London and New York: Routledge, 2011.

INGOLD, Tim. **The Perception of the Environment: essays on livelihood, dwelling and skill.** London and New York: Routledge, 2000.

LENSKJOLD, Tau Ulv. 'Accounts for a critical artefacts approach to design anthropology'. In: **Nordic Design Research Conference**, Helsinki, 2011, 09p.

REYES, Paulo. "'Tudo o que não invento é falso": por uma epistemologia da imaginação criadora no design'. In: **Strategic Design Research Journal**, 3(3), set-dez 2010, p. 102-108.

REYES, Paulo. 'Construção de cenários no design: o papel da imagem e do tempo'. Trabalho apresentado no **9º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design**, São Paulo, 2010.

VELHO, Otávio. 'Posfácio'. In: CARVALHO, Isabel Maria Cristina de Moura, STEIL, Carlos Alberto (orgs.). **Cultura, percepção e ambiente: diálogo com Tim Ingold.** São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2012, p. 227-231.